



O SERTÃO ENQUANTO ACONTECIMENTO¹

Luiz Manoel Lopes²

Resumo:

O propósito do artigo é pensar o sertão enquanto acontecimento, a partir das considerações de Gilles Deleuze no livro “Lógica do Sentido” e em seu último texto “A imanência: uma vida...”. No decorrer do artigo, aproximaremos a “geo-filosofia” da “convivência com o semiárido” a fim de expormos as experimentações que vivemos nestes últimos vinte anos no sertão, sobretudo quando se trata de pesquisa e ensino da filosofia.

Palavras-chaves:

Deleuze-Guattari, geo-filosofia, acontecimento

THE SERTÃO AS AN EVENT

Luiz Manoel Lopes

Abstract:

The purpose of the article is to think about the sertão as an event, based on the considerations of Gilles Deleuze in the book “Logic of sense” and in his last text “Immanence: a life...”. In the course of the article, we will approach the “geo-philosophy” to “coexistence with the semiarid” in order to expose the experiments we lived these last twenty years in the sertão, especially when it comes to research and teaching of philosophy.

Keywords:

Deleuze-Guattari, geo-philosophy, event

1 Artigo recebido em 30/06/2021

2 Luiz Manoel Lopes é professor adjunto do curso de filosofia da Universidade Federal do Cariri – campus Juazeiro do Norte.

Introdução

O artigo tem como propósito pensar o sertão mediante a noção de acontecimento, encontrada no livro *Lógica do sentido*, escrito por Gilles Deleuze e publicado em 1969. O motivo deste trabalho é conjugar a ideia de acontecimento com as modificações que experimentamos ao começarmos a habitar o nordeste brasileiro. A mudança de região decorreu para exercermos nossa atividade de ensinar filosofia, sobretudo para experimentar conjugar inicialmente a filosofia da diferença com a história da filosofia, dado que começamos nossas atividades em 2006. Resolvemos escrever este artigo para apresentar como, nestes últimos quinze anos, ocorreram novos meios de habitar no sertão, dentre os quais aquele que é denominado de *convivência com o semiárido*.

A relevância da noção de acontecimento aparece em nossa pesquisa para indicar como estas mudanças ocorreram a partir dos modos de transmissão de propostas, as quais remetem para o trabalho coletivo, sobretudo em termos de não mais combater a seca, mas aprender a conviver com as intensidades do calor e também com a escassez de água. A noção de acontecimento aparece primeiramente trabalhada no livro supracitado, no qual encontramos o que Deleuze denomina de comunicação dos acontecimentos, sendo que esta modalidade de comunicação não remete para uma lógica que incide na exclusão de predicados ou no que pode ser denominado disjunção exclusiva; os acontecimentos se comunicam ao modo de sínteses disjuntivas, sendo esta lógica distinta daquelas que dizem respeito às coisas. Para falarmos das coisas sempre associamos um sujeito e um predicado conectados pelo verbo “ser” enquanto cópula, os quais remetem às relações entre substâncias e acidentes ligados entre si por relações hierárquicas. Deleuze, quando trata da comunicação dos acontecimentos, afirma que esta nova modalidade de expressão concerne aos povos nômades que habitam o deserto e as regiões inóspitas; tais povos não pensam as coisas, mas os acontecimentos que as envolvem; não se trata do verbo “ser”, mas do conectivo “é”, o qual remete para as relações entre coisas e acontecimentos. Em nossas investidas, buscamos destacar como a mudança de paradigma foi gradativamente se atualizando pela compreensão do sentido do verdadeiro problema, dado que na região de clima semiárido, a escassez de água decorre do baixo índice pluviométrico e do período intermitente de chuvas; são nuances que buscamos compreender como elementos que são componentes das poéticas do sertão, nas quais os modos de comunicação não são construídos somente a partir das relações entre coisas. Os acontecimentos que provocaram as mudanças nestes últimos quinze anos dizem respeito às transmissões do sentido do problema, qual seja,

a mudança do paradigma do *combate à seca* para aquele que remete à *convivência com o semiárido*.

Deleuze, quando trata da questão do acontecimento, sublinha que as proposições, quando o expressam, sempre apresentam índices que aparecem nas conjugações dos verbos em que a forma no infinitivo prevalece. O acontecimento *chover*, por exemplo, é tratado por Deleuze, no livro em apreço, como acontecimento sem sujeito. A nossa proposta traz algo bem simples, nos propomos a conjugar a poética do sertão à filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze e também à geo-filosofia de Deleuze-Guattari; queremos apresentar como as populações do território com vegetação de caatinga produziram a mudança para o referido paradigma, através de novos modos de conjugações com as intensidades que passam na região. Neste propósito, buscamos trazer a poesia de “João do Vale”, na letra da canção “Ouricuri”, e conjugá-la com o que Gilles Deleuze apresenta, junto com Claire Parnet, em *Diálogos*, sobre os estóicos, quando trama o acontecimento enquanto sentido. De início, vejamos os versos iniciais da canção de João do Vale.

“Ouricuri madurou
E é sinal, que arapuá já fez mel
Catingueira fulorou lá no sertão
Vai cair chuva a granel

Arapuá esperando
Ouricuri madurecer
Catingueira fulorando
Sertanejo esperando chover

Lá no sertão, quase ninguém tem estudo
Um ou outro que lá aprendeu ler
Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor
Que antecipa o que vai acontecer

Catingueira fulora, vai chover
Andorinha voou, vai ter verão
Gavião se cantar, é estiada
Vai haver boa safra no sertão

Se o galo cantar fora de hora
É mulher dando fora, pode crer

Acauã se cantar perto de casa
É agouro, é alguém que vai morrer

São segredos
Que o sertanejo sabe
E não teve o prazer
De aprender ler

Catingueira fulora, vai chover
Andorinha voou, vai ter...”

(VALE, 1965)

Deleuze escreveu várias linhas expondo que em toda sua filosofia buscou tratar da noção de *acontecimento*, sempre destacando a importância da lógica em suas relações com a física dos antigos filósofos estoicos, a qual nos remete para as misturas entre corpos. Neste ponto, destacamos que as populações que habitam *o semiárido* convivem com a física devido às altas temperaturas. Deleuze, além dos remeter para a física dos estoicos, trata de dizer que sua lógica lida com o que acontece envolvendo os corpos nas suas misturas mais profundas; no caso, as proposições permitem expressar o que realmente acontece aos corpos físicos, aos corpos que vivem assolados pelas temperaturas elevadíssimas, como no exemplo do sertão. Deleuze, no entanto, sublinha: o que nos permite falar, a partir de tais encontros, através de proposições, não pertence mais à ordem corpórea e física, dizendo respeito somente aos efeitos que acontecem nas superfícies dos corpos.

1. Das transmissões de sentido às mudanças de paradigmas

Na canção de João do Vale, podemos perceber a comunicação entre acontecimentos quando a planta que floresce e madura remete para a fabricação de mel por parte das abelhas: as conjugações entre devires vegetais e animais aparecem nas cantigas das populações sertanejas. No nosso caso, ao pensarmos na importância da lógica do sentido, a partir do sertão, das misturas físicas entre os corpos, em meio às temperaturas elevadíssimas e quando das misturas das águas que promovem o verdejar, quando do chover, somente queremos escrever sobre o que sentimos em termos de devires; somente assinalar no que se torna esta região semiárida em termos de inventividades que jamais aparecerão

nas mídias habituais. No nosso modo de pesquisarmos a filosofia de Deleuze, percebemos que, através deste escrito, podemos *enunciar potencialidades e cartografar virtualidades*.

No sertão, existem lógicas que são expressas *nos cordéis, nas cantorias, nas literaturas nas mais diversas poéticas*. No propósito de sempre nos aproximarmos de Deleuze, sublinhamos que sua lógica lida diretamente com as divergências, acasos, contingências e movimentos aberrantes, que a sua lógica não consiste em se pautar por elementos puramente formais, mas em lidar com a produção do real, sem deixar de levar em conta que nesta produção os aspectos naturais e artificiais se confundem, de modo que existe *uma disposição conectiva entre o berrante, o aboio e o mugido*, os quais se misturam devido a todos e quaisquer ferramentas e artefatos serem produzidos a partir de verdadeiros problemas, os quais remetem para as questões econômicas e sociais que envolvem as populações que habitam o semiárido. A mudança de paradigmas consiste na criação de novas tecnologias sociais, sendo produzidas a partir da compreensão que o paradigma do combate à seca somente levava aos interesses políticos dos gerenciadores da indústria da seca. Nas mudanças ocorridas nestes últimos vinte anos no sertão, encontramos também as produções de tecnologias de produção de água; sendo assim, assinalamos as linhas de intensidades que jamais podem ser esquecidas; sendo preciso sublinhar que as mudanças ocorridas são levadas através de projetos que possibilitam novas relações com os territórios e com o planeta; trata-se de uma nova compreensão de convivência, desde estes pontos e linhas, em que buscamos apresentar o que Deleuze-Guattari denominam de geo-filosofia, a qual sem dúvida tem o seu equivalente prático nestas novas modalidades de *convivências com o semiárido*. Vejamos o que nos diz Deleuze:

Um agenciamento não é jamais tecnológico, é até mesmo o contrário. As ferramentas pressupõem sempre uma máquina, e a máquina é sempre social antes de ser técnica. Há sempre uma máquina social que seleciona ou assimila os elementos técnicos empregados. Uma ferramenta permanece marginal ou pouco empregada enquanto não existir a máquina social ou o agenciamento coletivo capaz de tomá-la em seu *phylum*. No caso do estribo, é a doação da terra, ligada pelo beneficiário à obrigação de servir a cavalo, que vai impor a nova cavalaria e captar a ferramenta no agenciamento complexo: feudalidade. (DELEUZE-PARNET, 1998, p. 57)

O que queremos relatar, através destas citações, é que toda tecnologia está ligada aos modos como um povo convive com o seu meio, sendo deste modo de conviver com

os verdadeiros problemas que toda e qualquer tecnologia trará sempre conexões com as questões sociais e, conseqüentemente, com as de ordens econômicas e políticas. No caso que estamos estudando, o acontecimento reluz não mais como aquele que possibilitou o aparecimento do estribo, não se trata de doação de terra, pelo contrário, mas sim de escassez de água. *O que ocasionou as mudanças de paradigmas?* O acontecimento chover e o como produzir água, a partir da contra-efetuação, a partir da expressão “chove”, como um acontecimento sem sujeito. *Como a transmissão das necessidades de mudanças de paradigma foram passadas para as populações em seus territórios?* Neste ponto, trata-se de pensar a filosofia enquanto produção de conceitos a partir do acontecimento e do sentido como o expressado nas proposições.

2. Da pesquisa e do ensino da filosofia

O que nos motiva nestas considerações sobre as mudanças de paradigmas no sertão, sobretudo quando estudamos um filósofo que trata o conceito enquanto acontecimento, é tentar pensar não somente em termos de história da filosofia; mas pensar a experimentação filosófica junto aos povos e territórios do sertão. Neste ponto, em que as relações entre pesquisa e ensino nos levaram sempre em direção à extensão, aos meios de compartilhar com a comunidade o que começamos a pensar envoltos pelos acontecimentos das mudanças sentidas e percebidas nestes anos, vamos delinear as relações entre a filosofia e a poética do sertão nos remetendo para o texto *A imanência: uma vida ...*, no qual encontramos meios de pensar o acontecimento entre morrer e viver. Ora, a partir das tais relações entre esses acontecimentos, conseguimos perceber que, no sertão, antes das mudanças de paradigmas, as vidas eram acometidas pela possibilidade de morrer com muito mais frequência; não afirmaremos jamais que este problema foi dirimido, mas como a compreensão dos modos de contornar tais problemas se deram pela produção de novas tecnologias sociais, sobretudo aquelas que dizem respeito aos aspectos hídricos; porém, sem deixar de serem expressadas através de cordéis e cantorias, como também de articulações entre os movimentos sociais. Neste último texto escrito por Deleuze, encontramos meios de compreender as relações entre filosofia e literatura, as quais nos permitem pensar que o sentido de mundo, para o filósofo do acontecimento, sobretudo quando diz que precisamos voltar a acreditar no mundo, já não nos é fornecido após *as reduções eidéticas e transcendentais*. A posição de Deleuze é apresentar seus distanciamentos para com a *fenomenologia*, indicando que se trata *do impacto do acontecimento* em que uma vida se

torna singular, na iminência de morrer, na fronteira entre o acontecimento viver e morrer. Nos exemplos citados por Deleuze, percebemos dois movimentos: no primeiro em que um personagem de Charles Dickens, denominado Ridehood, está se afogando, quando todos se põem a salvá-lo; neste momento, trata-se de uma vida singular imanente fora da relação sujeito e objeto; no entanto, quando descobrem quem é o sujeito que está sendo salvo, todos se afastam proferindo exclusões de predicados a tal sujeito. Já no segundo exemplo, encontramos a citação da própria vida do escritor Joe Bousquet, o qual, quando jovem, era um atleta portentoso, e que acaba por se alistar no exército francês, servindo na primeira guerra mundial, na qual é atingido na coluna por um projétil durante uma batalha. Neste segundo exemplo, a partir da paraplegia de Joe Bousquet, ocasionada pela *ferida*, o filósofo do acontecimento extrai conjugações entre a física, a ética e a lógica dos estóicos. Vejamos o que nos diz Deleuze:

Uma vida não contém nada mais que virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. Aquilo que chamamos de virtual não é algo ao qual falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria. O acontecimento imanente se atualiza em um estado de coisas e em um estado vivido que fazem com que ele aconteça. O plano de imanência se atualiza, ele próprio, em um Objeto e um Sujeito aos quais ele se atribui. Entretanto, por menos que Sujeito e Objeto sejam inseparáveis de sua atualização, o plano de imanência é, também ele, virtual, na medida em que os acontecimentos que o povoam são virtualidades. (DELEUZE, 2002, p.16)

Os exemplos poéticos e literários nos permitem sublinhar os propósitos de aproximação entre a filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze e as mudanças ocorridas no sertão nestes últimos anos. No caso, a partir do exemplo de Joe Bousquet, começamos por compreender como a ferida, enquanto acontecimento virtual, não-efetuado e contra-efetuado, não se encarna por completo no corpo modificado e transmutado do jovem que tornara-se escritor; uma vida começa a ser produzida a partir da dignidade de afirmar o acontecimento, de afirmar um segundo nascimento próprio ao acontecimento, Neste sentido, podemos dizer que, no sertão, antes das mudanças de paradigmas, um corpo coletivo foi atingido pela ferida da seca, e que, a partir deste impacto, as vidas se afirmaram coletivamente, criando tecnologias não somente para vencer a necessidade de produção de água, mas para afirmar a produção de novas sociabilidades, afetividades e subjetividades. Deleuze, ao trazer-nos exemplo de Joe Bousquet, nos permite tais aproximações:

Os acontecimentos ou singularidades dão ao plano toda sua virtualidade, como o plano de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena. O acontecimento considerado como não-atualizado (indefinido) não carece de nada. É suficiente colocá-lo em relação com seus concomitantes: um campo transcendental, um campo de imanência, uma vida, singularidades. Uma ferida se encarna ou se atualiza em um estado de coisas e em um vivido; ela própria, entretanto, é um puro virtual sobre o plano de imanência que nos transporta em uma vida. Minha ferida existia antes de mim... Não uma transcendência da ferida como atualidade superior, mas sua imanência como virtualidade, sempre no interior de um *milieu* (campo ou plano). Há uma grande diferença entre os virtuais que definem a imanência do campo transcendental e as formas possíveis que os atualizam e os transformam em alguma coisa de transcendental. (DELEUZE, 2002, p.16)

3. Da geofilosofia e da convivência

Nosso propósito consiste na tentativa, no desafio, de apresentar o aprendizado de habitar uma região que na época era desconhecida, trazendo como aliados Deleuze-Guattari, tanto é que falaremos de nosso percurso pelos solos do sertão e, mais propriamente, de nossas experimentações *geo-filosóficas no Cariri cearense*. A região é peculiar por ser localizada no *ser-tão*, no clima semiárido, possuindo vegetação de caatinga e parte de cerrado. Nós procuramos tratar do conceito de acontecimento relacionando-o às nossas práticas em torno dos projetos de pesquisa, ensino e extensão, O presente artigo trata de apresentar o que conseguimos desenvolver a partir do aprendizado de conviver com as populações do semiárido, sobretudo com aquelas da região do Cariri cearense. Não há como não dizer da riqueza desta região em todos os sentidos, desde sua posição geológica, em que encontramos desde os sítios paleontológicos e arqueológicos, até aos mananciais e a Chapada do Araripe, com sua floresta, e também das tendências religiosas, místicas e metafísicas nas populações que se deslocam para a cidade de Juazeiro do Norte em tempos de romarias. Encontramos também, nas cidades da região como Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, o desenvolvimento de pesquisas sobre a cultura popular, uma vez que existem campus da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Universidade Regional do Cariri (URCA) nestes municípios. Os relatos que propomos apresentar caminham em direção das mudanças que ocorreram desde 2006, quando da expansão do ensino superior no país, sobretudo na região nordeste; no caso, a expansão do ensino superior no semiárido

nordestino, no qual está inclusa a região do Cariri Cearense. Portanto, o que buscamos trazer para nossas conversações são as atividades que conseguimos desenvolver no período de 2006-2021. Nestes aprendizados, buscamos aproximações com o tema da *convivência com o semiárido*, relacionando-o, como meios de orientação, ao capítulo *Geo-filosofia* do livro escrito em conjunto por Gilles Deleuze e Félix Guattari “O que é a Filosofia?”. Nestas considerações, em que propomos apresentar tais aprendizados, nos conduzimos por alguns excertos:

A desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização. A filosofia se reterritorializa sobre o conceito. O conceito não é objeto, mas território. Não há objeto, mas um território. Precisamente por isso, ele tem forma passada, presente e talvez por vir. (DELEUZE-GUATTARI, 2001, p.119).

Nas tentativas de cada vez mais relacionarmos os temas da *geo-filosofia* com aqueles que relatam as novas relações de sociabilidades, afetividades e subjetividades no semiárido, buscamos encontrar na poesia, na música, no cordel, meios de delinear a relevância do conceito de acontecimento. Neste sentido, podemos dizer que, no nosso projeto de iniciação científica *SPINDELGUA – Pesquisas Filosóficas em Spinoza, Deleuze e Guattari* - procuramos, através da ênfase nos conceitos de imanência, devir, produção de subjetividade e ecosofia, relacioná-lo ao projeto de extensão *Geofilosofia e convivência com o semiárido: mapeamentos e cartografias dos sítios da zona rural de Juazeiro do Norte*. O propósito deste artigo é sublinhar a adequação do tema da *geo-filosofia* em relação ao da *convivência com o semiárido*. O conceito de acontecimento possui grande importância para dizermos do aprendizado de conviver com as populações que habitam o sertão, justamente porque a chuva torna-se um acontecimento sem igual no modo dessas populações habitá-lo. Portanto, trata-se da *ética do acontecimento*, em que “o chover” é um acontecimento sem sujeito: *agenciamentos maquínicos do desejo e agenciamentos coletivos de enunciação*. Os aprendizados, os quais decorrem destas convivências com o semiárido, são as constatações do que foi produzido nestes últimos vinte anos no país, em termos de soluções de problemas em relação à captação de água, soluções que foram geradas pelas populações, pelos movimentos sociais, a ponto de tornarem-se políticas públicas. Neste sentido, jamais podemos ensinar filosofia sem aprendermos que o pensamento somente se dá a partir de encontros fundamentais com os verdadeiros problemas; com os acontecimentos que nos solicitam a pensar. Sem nenhum exagero, podemos dizer que este é o

aprendizado: no sertão, *a geo-filosofia é inseparável da convivência com o semiárido.*

Ao fazermos considerações sobre as conjugações entre os verbos *chover* e *viver*, vamos direto para outras modalidades de conjugação em que os verbos *conviver* e *combater* aparecem com ênfase, sobretudo quando remetem para mudanças de modos de vidas dos habitantes do semiárido; aproveitamos aqui para passear um pouco em torno destas modificações nos espaços desta região tão plena de potências. Os motivos de tais passeios remetem para as pesquisas em torno da geografia e também de dados que são importantes destacar. Notemos como não podemos falar de sertão, como não podemos pensar o semiárido, sem nos conjugarmos com o verbo *chover*: um acontecimento impessoal nos solicita a pensar os paradoxos dos objetos impossíveis, os paradoxos das representações sem objeto, diz o filósofo Gilles Deleuze em seu livro *Lógica do Sentido*. Desde então, percorreremos sempre estes passeios, em que buscaremos conjugar as relações entre os verbos que exprimem ações afirmativas no semiárido.

A partir dos problemas de escassez de chuvas, na região e das experiências de um trabalhador da terra que presenciou vidas sendo ceifadas, devido às dificuldades de obtenção da estocagem de águas em reservatórios, começaremos a mapear afetivamente as novas tecnologias sociais hídricas; tal como um retirante que retorna ao sertão, tomaremos carona junto com um habitante do sertão que fez os percursos que a maioria dos sertanejos fizeram no período pós-guerra. Juntamo-nos ao pedreiro-sertanejo *Nel*, que conseguiu ter uma ideia, a qual atualizou sobre uma matéria, sobre um suporte, em que formas geométricas, cilíndricas e cônicas ganharam sentido de reservatórios de água da chuva e receberam o nome de *cisternas de placas*.

Deleuze nos colocou diante do pensamento dos estóicos, dizendo que estes trazem uma lógica que nos permite pensar e dizer o sensível afirmando as divergências e desencontros, os verdadeiros problemas, inclusive nos alertando que no meio das impossibilidades de existência, os artifícios surgem enquanto criações de meios de contornar os obstáculos, como no caso da escassez de chuvas, em que surgem os dispositivos de produção de água a partir da captação e construção de reservatórios – surgem aí as tecnologias sociais hídricas. Tais aspectos mostram que uma invenção tecnológica é inseparável de uma máquina social conectada ao *caosmos*.

Lá no sertão, quase ninguém tem estudo
Um ou outro que lá aprendeu ler
Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor

Que antecipa o que vai acontecer
(VALE, 1965)

As tecnologias são máquinas sociais, as quais derivam de multiplicidade de sentires, de afetos, mediante os verdadeiros problemas encontrados no sertão, sobretudo aqueles advindos da relação com o acontecimento *chover*. No semiárido, os que vivem a relação de habitá-lo não têm como deixar de afirmar as mudanças entre combater a seca e conviver com o semiárido, sendo que, a partir desta transição de paradigma, apareceu toda uma produção de práticas e teorias muito bem elaboradas em forma de textos, que podem ser atestadas quando, dentre elas, destacamos a primeira tese defendida sobre o semiárido, a partir do excerto a seguir:

A convivência com o Semi-árido requer a valorização e a reconstrução dos saberes da população local sobre o meio em que vive, sobre as suas especificidades, fragilidades e potencialidades. Os processos formativos, sistemáticos e participativos, são fundamentais para o resgate e a construção de conhecimentos e práticas alternativas. A contextualização dos processos de ensino-aprendizagem à realidade local é apresentada como uma estratégia de sensibilização, mobilização e organização da população sertaneja, para identificar as problemáticas e construir soluções apropriadas que visem à melhoria das condições de vida. Para isso, os processos formativos não podem se resumir à ampliação de conhecimentos e habilidades, como prevalece no ensino formal; nem deve ser limitada ao ensino de novas tecnologias de produção, como tem sido a tônica dos processos de assistência técnica e extensão rural. A formação contextualizada deve servir de instrumento de mudanças de atitudes e valores, a partir de um conhecimento aprofundado da realidade local, induzindo ou fortalecendo as alternativas de convivência. (SILVA, 2003, p.250)

Não existe uma maneira mais adequada de expor as mudanças que buscamos enunciar que a partir do excerto acima. Retirado da tese de doutoramento de Roberto Marinho Alves da Silva, cujo título é *Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento* (Universidade de Brasília, 2006), ela nos leva a considerar a relevância dos estudos sobre o semiárido, dado que, por exemplo, no dia 27 de novembro de 2017, o estado do Maranhão começou a ser parte integrante do semiárido brasileiro. O que este escrito vem apresentar é justamente a potência do pensamento das populações que habitam as regiões de clima semiárido e

vegetação de caatinga, sinalizando que também existem outros tipos de vegetações no semiárido como, por exemplo, o cerrado.

O semiárido brasileiro tem nova configuração desde 23 de novembro de 2017. A avaliação levou em conta critérios como o percentual diário de déficit hídrico, índices pluviométricos e aridez. O grupo de técnicos ressaltou que faltam estações adequadas para fazer as medições precisas destes índices e, por isso, seria melhor incluir as cidades que sofrem com a seca, mesmo sem a existência precisa de dados. Também dispensou a obrigatoriedade da presença do bioma caatinga para definir os novos limites da região. A medida foi aprovada pelo conselho deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Com a inclusão de 73 cidades da Bahia (9), Ceará (10), Maranhão (2), Minas Gerais (6), Paraíba (24), Pernambuco (1), Piauí (2), o semiárido passa a ter 1,03 milhão de quilômetros quadrados (12% da área do país) e 25 milhões de habitantes (12% da população) em 10 estados. Além dos nove originais – Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte não tiveram alterações –, o Maranhão passou a integrar a região. Os municípios de Araióses e Timon fazem parte da nova lista. (OLIVEIRA, 2017, p.1)

Os apontamentos sobre a inclusão destes municípios revelam as mudanças ocorridas em torno das subjetividades dos pesquisadores, que não deixam de ser preocupar com as populações que vivem a experiência da vulnerabilidade, sendo que tais notícias jamais aparecem na mídia. Este artigo é um meio de divulgar este trabalho coletivo de pesquisa, ensino e extensão dos estudos que *relacionam filosofia, literatura poesia, territórios e populações do semiárido*:

É a força dos estóicos ter feito passar uma linha de separação, não mais entre o sensível e o inteligível, não mais entre a alma e o corpo, e sim lá onde ninguém a havia visto: entre a profundidade física e a superfície metafísica; entre as coisas e os acontecimentos; entre os estados de coisas ou as misturas, as causas, almas e corpos, ações e paixões, qualidades e substâncias, por um lado, e, por outro, os acontecimentos ou os efeitos incorporais impassíveis, inqualificáveis, infinitos que resultam dessas misturas que se atribuem a esses estados de coisas que se exprimem nas proposições. Nova maneira de destituir o É: o atributo já não é uma qualidade relacionada com um sujeito pelo indicativo “é”, é um verbo qualquer no infinitivo que sai de um estado de coisas e o sobrevoa. (DELEUZE E PARNET, 1998, p.51)

Ao pensarmos o sertão fazendo conjugações com Deleuze, encontramos um meio de entender que a existência entre as populações, a fauna e a flora ocorrem em termos de relações imbricadas em que os verbos *chover* e *florescer* aparecem com muita nitidez; tudo gira em torno destes acontecimentos, de modo que o verbo *ser* nunca permite apontar a existência das coisas em separado, mas sempre articulando os conectivos; sendo que existir se torna sempre um emaranhado de articulações. Neste ponto, aparece um conceito que nos chama muita atenção, por trazer muitas vibrações contraídas de sertão: *o conceito de articulação do e no semiárido*.

SOBRE OS ESTÓICOS, por que escrever sobre eles? Jamais mundo mais sombrio e mais agitado foi exposto: os corpos... mas também as qualidades são corpos, sopros e as almas são corpos, as ações e as paixões são elas próprias corpos. Tudo é mistura de corpo, os corpos se penetram, se forçam, se envenenam, se imiscuem, se retiram, se reforçam ou se destroem, como o fogo penetra no ferro e o torna vermelho, como o comedor devora sua presa, como o apaixonado se afunda na amada. “Há carne no pão e pão na grama, esses corpos e tantos outros entram em todos os corpos, por condutos ocultos e se evaporam juntos...” (DELEUZE E PARNET, 1998, p.51)

Neste sentido, podemos falar de articulações no semiárido, como os movimentos que perpassam o sertão, sendo através da *ASA Brasil – Articulações no Semiárido Brasileiro*, que nos deparamos com as modificações efetivadas que procuramos apontar como relações imprescindíveis para pensarmos o passado e futuro no sertão. As articulações no semiárido se somam e se conectam ao que dizíamos no início do texto, quando nos reportamos à produção de sentido, tal como assinala Deleuze em suas considerações sobre a física e a lógica:

Poderíamos retomar os lugares comuns da evolução da humanidade: o homem, animal desterritorializado. Quando nos dizem que o *hominen* tira da terra suas patas anteriores, e que a mão é antes locomotora, depois preensiva, são limiares ou quanta de desterritorialização, mas, a cada vez, com reterritorialização complementar: a mão locomotora como pata desterritorializada se reterritorializa sobre os ramos dos quais se serve para passar de árvore em árvore; a mão preensiva como locomoção desterritorializada se reterritorializa sobre elementos arrancados, emprestados, chamados ferramentas, que ela vai brandir ou propulsar. Mas a ferramenta “bastão” é, ela própria, um ramo desterritorializado, e as grandes invenções do homem implicam uma passagem

à estepe como floresta desterritorializada; ao mesmo tempo, o homem se reterritorializa sobre a estepe. Em última instância, é a própria terra, a desterritorializada (“o deserto cresce...”), e é o nômade, o homem da terra, o homem da desterritorialização – embora ele seja também aquele que não se move – que permanece preso ao meio, deserto ou estepe. (DELEUZE & PARNET, 1998, p.109)

Nas tentativas de expor as mudanças ocorridas no sertão nestas duas décadas e meia, nos reportamos à defesa da primeira tese de douramento em relação à problemática da convivência com o semiárido, acrescentando que esta pesquisa contém todo um passado em que o pensamento de Josué de Castro vem à tona, sobretudo pelo que produziu em termos de cuidados com as populações vulneráveis em relação ao fenômeno social e político denominado fome, sendo que a partir seu livro *Geografia da fome*, esta passou a ser vista como um fenômeno social, econômico e, sobretudo político. O que procuramos fazer foi apresentar como a filosofia de Deleuze, a partir da ideia de acontecimento, levamos a fazer conjugações com *o acontecimento Deleuze-Guattari* e afirmar que, no sertão, *a geo-filosofia é inseparável da convivência com o semiárido*.

Referências

CONTI, I e SCHROEDER, E. **Convivência com o Semiárido Brasileiro**: Autonomia e Protagonismo Social. Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida... Tradução Tomaz Tadeu. **Revista Educação & Realidade**, v.27, n.2, jul/dez 2002.

_____. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DELEUZE, G., PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora34, v.1. 1997.

_____. **Mil Platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora34, 1997. v.5.

_____. **O Anti-Édipo**. Tradução de A. Campos. Lisboa: Assírio e Calvim, 1996.

_____. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1993.

ASA (Articulação do Semi-Árido Brasileiro). Programa de Formação e Mobilização Social Para a Convivência com o Semi-Árido. Recife: ASA, 2001.

CASTRO, Josué. **Sete palmos de terra e um caixão**: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. **Documentário do Nordeste**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro – pão ou aço. 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DA SILVA, Roberto Marinho Alves. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003.

_____. **Convivência com o Semiárido Brasileiro**: Autonomia e Protagonismo Social, Editora IABS, Brasília-DF, Brasil – 2013b.

OLIVEIRA, JOÃO. Maranhão é incluído no semiárido, <<https://www.meusertoes.com.br/2017/12/15/maranhao- agora-integra-o-semiarido>>, consultado em 21/09/2021

VALE, JOÃO DO. **Ouricuri, o poeta do povo**. São Paulo: Phillips, 1965.